
Pauta: Dia Mundial da Água, os caminhos das águas de Porto Alegre

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): (10h) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM. Diretor Maurício, obrigado por nos receber, abrir as portas da sua casa para nos receber. Nós, da Comissão de Saúde e Meio Ambiente, decidimos fazer aqui pelo fato de amanhã ser o Dia Mundial da Água, dia 22, então decidimos fazer aqui. A gente sabe dos grandes gargalos que ainda existem, temos o problema agora de captação pelo fato da estiagem, como está essa situação, se corremos risco. Até tem uma matéria, eu estava vindo aqui, foi veiculada, em que especialistas sugerem o aproveitamento de água de barragem do Jacuí para abastecer a Região Metropolitana, se isso é um fato. Nós temos muitas comunidades ainda em que a água não está chegando. Domingo, eu recebi uma eleitora minha, ela estava no Buraco Quente, Santa Teresa, há três dias sem água. A gente sabe da questão do Morro da Cruz, da Lomba do Pinheiro e de outras comunidades que estão com bastante dificuldade. Queremos saber, eu já vou fazendo perguntas, em relação aos gargalos e avanços também em relação ao DMAE. Quero agradecer a presença de todos e perguntar, principalmente para os técnicos que aqui estão, não só em Porto Alegre, mas em nível mundial, se nós corremos o risco de um dia ter que usar a água do mar, como alguns países já estão usando. Até parece que, na Arábia Saudita, 34 milhões de pessoas já estão fazendo uso da água do mar. Se isso, mundialmente, eu estou perguntando, se um dia nós corremos o risco de ter que usar a água do mar. A gente sabe que está afunilando agora a questão da estiagem, e Porto Alegre já está com problema, principalmente, agora, nesse período de seca, se nós corremos esse risco.

Passo a palavra ao Ver. Oliboni.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Quero saudar aqui a recepção do DMAE, do Maurício, da equipe; saúdo os colegas vereadores, Freitas, Ver.^a Cláudia, toda a assessoria, a TVCâmara; nos preocupa muito, Maurício, a ideia de privatização do DMAE, porque para nós, da oposição, o DMAE, que trabalha

com a água e o esgoto, a água é um bem humano. Por isso nós vamos fazer qualquer movimento impedindo a privatização. Nós temos algumas situações muito claras e precisas: com a privatização da CEEE, o cidadão paga muito mais pela iluminação pública; com a privatização da Corsan, o cidadão vai pagar muito mais o preço da água, não seria diferente com a privatização do DMAE em Porto Alegre. Nós somos contra a privatização, importante que o DMAE saiba disso. Não somos só nós, da oposição, mas uma grande parte da base do governo também não concorda. Por isso é importante os investimentos feitos pelo DMAE, para ter retorno, até porque nós sabemos que o DMAE é superavitário. Gostaria de ouvir algo nesse sentido de V. Sa. Se o DMAE é superavitário, faz enorme investimento e tem um quadro de servidores qualificado, qual é a justificativa da privatização? Embora nós entendamos que deverá ter um enorme investimento na cidade, como, por exemplo, como o próprio presidente falou aqui, em algumas regiões, em alguns bairros da cidade ainda falta água. Como está o planejamento, por exemplo, da nova subestação da Ponta do Arado, se não me engano? Como está a situação da barragem do Saint'Hilaire? Nós sabemos que, no passado, captava-se água ali, era próximo ao bairro Lomba do Pinheiro, e essa comunidade, até então, tem dificuldade de ter acesso a água, principalmente no verão – tem vários bairros da cidade que ainda tem dificuldade. Como está o planejamento da cidade? Nós percebemos que aqui, esse lugar da sede do DMAE, no Moinhos de Vento, é um lugar aprazível, muito bem avaliado, esperamos que isso continue público, e que haja concurso público, nós temos votado muitos projetos na Câmara de contratação temporária – engenheiros, isso, aquilo –, mas nós precisamos ter concurso público.

Claro que na Comissão nós temos várias posições de vereadores e de vereadoras, mas eu, como membro e vereador da oposição, queria dizer que nós vamos lutar como nunca pela não privatização da água, até porque, como disse anteriormente, o DMAE é superavitário e tem condições de fazer, a curto, médio e longo prazo, um planejamento adequado para a população não ser taxada. Parabéns pelo trabalho atualmente, tem um quadro de servidores que tem dado retorno, a gente não tem tido muita reclamação, embora as tubulações sejam antigas e aconteçam diariamente problemas, os servidores são muito

dedicados e continuam lutando para que isso seja público. Muito obrigado e sucesso.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Bom dia, diretor; bom dia, Darcy; colegas vereadores. Gostaria de não entrar no detalhe da questão de nós fazermos ou não concessão, acho que isso é uma coisa que a gente vai trabalhar com o prefeito Sebastião Melo, que a gente vai discutir, não vai acontecer amanhã, vai ter um diálogo muito grande em cima de tudo isso. Eu sou a favor da questão do esgoto e da questão da drenagem, porque a gente sabe que não se tem braços para dar manutenção em tudo que se precisa, mas a gente vai discutir enquanto vereadores, enquanto Câmara, junto com prefeito, as melhores soluções para a gente fazer a distribuição através de concessão ou não da água. Esse é um tema que a gente ainda tem muito o que discutir, muito o que conversar, não vai ser hoje aqui.

Eu acho que é muito importante a gente falar, a gente sempre fala que a água é vida, mas infelizmente a gente tem, sim, muitos problemas, como falou o Ver. Oliboni e o Ver. Freitas, a gente vê muito cavalete ainda do DMAE na rua, a gente sabe que vocês trabalham incansavelmente para mudar essa realidade, mas a gente sabe que as nossas tubulações são antigas, que a nossa rede em muitos pontos é esgotada, a cidade cresceu muito e a gente não consegue trazer esse retorno para a sociedade como gostaria que fosse, por isso é tão importante a gente trabalhar a questão da concessão do esgoto e da concessão da drenagem. A gente sabe que em muitos lugares a gente gostaria de fazer saneamento, a gente tem mais de 800 ocupações em Porto Alegre e muitas delas não são viáveis em função de não termos uma drenagem, não termos saneamento. Então a gente precisa trabalhar muito esses pontos, essas questões, mas eu acho hoje é muito importante a gente vir conhecer um pouco mais todo o trabalho que vocês realizam aqui, para que a gente tenha mais propriedade ainda para poder discutir sobre o tema e poder compor, para que cada vez mais a gente tenha uma cidade melhor, com água disponível para todos. Muito obrigada.

SR. MAURÍCIO LOSS: Obrigado a todos os vereadores, Ver. José Freitas, Ver. Oliboni e Ver.^a Cláudia; obrigado a todos pela presença, a gente quer fazer uma apresentação alusiva ao dia da água, mostrar como está o sistema de água hoje do DMAE, alguns investimentos que a gente tem feito. Acho que ao longo da apresentação algumas dúvidas vão ser sanadas e, ao final, a gente também pode voltar aos questionamentos, abrir as discussões, é um momento bem oportuno também para que a população que nos assiste fique bem esclarecida.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MAURÍCIO LOSS: Eu sou o diretor-geral Maurício Loss, me acompanha aqui o diretor-adjunto Darcy, a diretora de tratamento Joici, e o diretor de desenvolvimento de obras Marcos Faccin. Vou pedir para o Darcy ficar com o microfone, pois o Darcy, a Joici, o Marcus, que são servidores, têm tem todo o histórico, eles podem ir complementando a qualquer momento para a gente levar as informações inclusive de maneira rápida.

(Procede-se à apresentação.)

SR. MAURÍCIO LOSS: Corrigindo: Dia Mundial da Água é dia 22, amanhã. Então, somos o Departamento Municipal de Água e Esgotos – DMAE, responsável por toda a captação, tratamento e distribuição da água, tratamento de esgoto cloacal. Desde 2019 que incorporamos o DEP, também o esgoto pluvial. Hoje, nós temos seis estações de tratamento da água: Belém Novo, Ilha da Pintada, José Loureiro, Menino Deus, Moinhos de Vento, São João e Tristeza. São 87 estações de bombeamento de água tratada; seis estações de bombeamento de água bruta, junto ou muito próximo às nossas estações de tratamento. Atualmente, nós temos 101 reservatórios, recentemente fizemos algumas melhorias e implantação de novos reservatórios d'água. Nós temos uma capacidade de reserva de mais de 200 mil metros cúbicos da água, e nós conseguimos tratar, por ano, mais de 200 milhões de metros cúbicos, ou seja, mais de 200 bilhões de litros d'água. Em relação ao esgotamento sanitário,

atualmente nós temos 11 estações de tratamento de esgoto, contamos com 36 estações de bombeamento, 23 estações de bombeamento de água pluvial e temos 255 mil ligações de esgoto ativos.

Aqui é distribuição do nosso sistema de abastecimento d'água, as nossas seis estações de tratamento. E a estação que a gente trabalha de forma mais limitada é a Estação Belém Novo, que a gente agora, nos próximos eslaides, vai tirar algumas dúvidas. Em relação à qualidade da água, até, depois, diretora Joici pode falar um pouquinho mais. Por exemplo, nas estações de tratamento, as coletas são feitas a cada duas horas e são feitas uma série de análises, e também diversos pontos que a gente faz o controle da água. Então, em média, nós fazemos 2,6 mil análises diárias para ter esse controle de qualidade, em 357 pontos, totalizando quase mil coletas por mês, para que a gente consiga levar uma água de qualidade para o nosso consumidor, e, diga-se de passagem, a gente tem levado com um número muito acima do que o Ministério da Saúde exige.

Então, nossas estações de tratamento, que, na verdade, já são 11, está um pouquinho defasado aqui; 36 estações de bombeamento; mais de 2 mil quilômetros de rede. Nós temos uma capacidade de tratamento de esgoto de 80%, só que nós não temos estrutura para levar esse esgoto até as estações de tratamento. Ontem saiu o relatório do Trata Brasil com dados de 2021, que a gente consegue tratar 52%, hoje, a gente já tem um dado nosso, do DMAE, que a gente consegue tratar 57% do esgoto da cidade.

Então, o nosso volume/ano de esgoto tratado está em torno de 61 mil metros cúbicos por ano de tratamento de esgoto. Então, o sistema Belém Novo, das nossas seis estações de tratamento, a Estação Tratamento do Belém Novo é a mais limitada, uma estação antiga. A população lá da Zona Sul, Extremo-Sul tem crescido bastante, e a gente tem feito o nosso investimento – a gente vai falar agora também – em relação à nossa Estação de Tratamento da Ponta do Arado, mas, por enquanto, a gente está atendendo lá com sistema Belém Novo, nós temos uma capacidade de produção de 1 mil litros por segundo. E nós temos também o complemento das nossas unidades ultrafiltradoras, em que a gente consegue a tratar mais 200 litros por segundo, são cinco contêineres que nós

temos lá, através de um contrato, para dar uma ajuda lá para Estação Belém Novo, para que a gente consiga levar um pouco mais de água lá para Zona Sul. Nós temos uma capacidade de reservação de 4 mil metros cúbicos. A população abastecida por essa estação de tratamento é em torno de 250 mil pessoas, e ela abastece 14 bairros. Então, para acabar com esse déficit, com essa nossa limitação, a gente vem trabalhando, desde 2021, que começaram as obras, não é Darcy?

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Desde 2020 que começaram, porque são oito obras, a primeira começou em 2020.

SR. MAURÍCIO LOSS: Isso. Nós temos o sistema de abastecimento do Ponta do Arado, onde a principal obra é a estação de tratamento, nós temos a obra da adutora de captação, a adutora de transporte da água, a adutora que distribui água para a cidade.

Esse 1 aqui, que é a nossa adutora de captação, ela já está pronta. Ela pega uma água a dois quilômetros, ela está numa espera, ela não está ativa ainda, mas ela vai pegar água a dois quilômetros para dentro do Guaíba. Hoje, na estação Belém Novo, a gente pega o quê? Dá uns 500 metros, Joici, mais ou menos o nosso ponto de captação dentro do Guaíba?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MAURÍCIO LOSS: Isso, hoje a gente faz a captação da água numa área mais próxima da beira do rio, o que faz com que a gente tenha uma água com maior turbidez, não necessariamente é uma água com qualidade ruim, mas é uma água que acaba nos custando mais para tratar.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: É 150 metros, é bem perto – 150 metros a torre bem antiga, e a não tão antiga, que é do ano 2000, pega 2 mil metros. Então, a gente tem uma mistura, tem um pouco de água de 2 mil metros e um pouco de água a 150 metros. A nova é só 2mil.

SR. MAURÍCIO LOSS: Isso, a nova é só 2 mil, que vai para ETA Ponta do Arado.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: A F é na mesma posição torre velha, 150 metros.

SR. MAURÍCIO LOSS: Cento e cinquenta metros da beira do rio. Então nós temos ali a nossa adutora de captação de água bruta, já está pronta, instalada, o ponto de captação está dois quilômetros para dentro do rio. A nossa estação de bombeamento, que fica ali do lado da Estação de Bombeamento Belém Novo, as obras estão iniciando. A nossa adutora de recalque também já começou – não é, Darcy?

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Sim, essa adutora de recalque de água tratada não de água bruto; a de água bruta só dá para fazer depois que a obra da ETA estiver mais avançada, não dá para fazer agora.

SR. MAURÍCIO LOSS: Isso até para não fazer a interrupção ali do tráfego de caminhões, da rua de acesso. Exatamente. A nossa adutora de água tratada, essa sim é que está sendo implementada lá, que vai levar água até a rede da Restinga. E a nossa subestação de energia também, na verdade, são duas, uma feita pela CEEE Equatorial para nos abastecer. A gente vai ter um consumo grande de energia, e tanto a nossa subestação também, que a gente tem que fazer para receber essa energia da CEEE Equatorial. Algumas ações também que a gente vem tratando com a CEEE Equatorial, a gente renovou agora o nosso termo de compromisso com a CEEE Equatorial para eles levarem uma linha de 69kV lá, para a gente ter mais força de energia para abastecer a nossa a nossa futura ETA.

Temos um trabalho técnico social também, a gente está trabalhando com a comunidade ali para levar todas as informações do que vai impactar essa nova estação de tratamento, as melhorias que vão ser feitas na região e tudo mais.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Eu gostaria de ressaltar essa questão da linha de transmissão de energia. Vocês devem ver recorrentemente questão de falta de energia gerar falta de abastecimento de água. E, lá em Belém, isso é bastante frequente, é uma região que todas as ventanias de Porto Alegre majoritariamente vêm do Extremo-Sul e derrubam as linhas de abastecimento lá. Isso é bem recorrente. O sistema Ponta do Arado vai ser alimentado com uma linha de alimentação quase que exclusiva, e o objetivo disso é justamente evitar essas quedas de energia. Não é só a melhoria da quantidade de água maior sendo tratada, é uma melhoria em termos de confiabilidade, por quê? Esse sistema aí vai ter uma linha de alimentação quase que exclusiva só para ela.

SR. MAURÍCIO LOSS: Um pouquinho das nossas obras, essa aqui é a nossa adutora de captação de água bruta, antes de ela ser submersa, aqui é a instalação dela.

Aqui é bem na beira do rio onde vai ficar a nossa estação de bombeamento de água bruta.

Aqui são obras lá da ETA Ponta do Arado.

Aqui uma foto da obra da adutora Restinga. E aqui um mapinha da região.

Então, aqui o Darcy também, como estou recentemente, estou há dois meses, o Darcy tem um pouquinho mais do histórico das nossas obras, dos nossos investimentos. Quer falar um pouquinho, Darcy?

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Basicamente tem duas ações aí, porque são várias obras, mas tem duas ações importantes, uma é a construção de reservatórios. Então, tem ali na Vila dos Sargentos do Partenon e a outra é na Est. Cristiano Kraemer, são reservatórios que estavam no plano desde 2017 ou 2018, e a gente deu início à construção lá por 2019 ou 2020, e entraram no sistema no ano passado. Eles deram um fôlego bastante grande. Esse da Vila

dos Sargentos, do Partenon para toda região Leste, inclusive Agronomia, e o Cristiano Kraemer deu um fôlego para Zona Sul, aquela região da Vila Nova e Campo Novo principalmente, que tinham bastante problemas de intermitência do abastecimento. As outras extensões de rede de perímetro urbano, bairro Vila Farrapos, extensão no Morro da Cruz, adutora da 18 de Novembro, que é lá para região do Humaitá, são todas obras que substituem canalizações antigas, essa é uma ação permanente que a gente tem há 30 anos, em que se usa o polietileno, aquele tubo plástico preto em substituição aos tubos de ferro, que são velhos ou aos tubos de fibrocimento, que também são bastante velhos e frágeis.

A gente tem uma meta na ordem de 30 a 40 quilômetros, por ano, de substituição de rede; isso é permanente. São bem importantes essas ações de substituições de redes, porque isso evita rompimento, evita manutenção, diminui o custo de operação e evita o desperdício, a perda, porque cada rompimento e vazamento tem uma quantidade grande de água que está sendo desperdiçada. Essas trocas de canalização que fazemos, na verdade, é instalar um cano novo e, simplesmente, desativar o cano antigo. São essas ações de perímetro urbano. Vila Farrapos, Morro da Cruz, 18 de Novembro. Nós temos outras planejadas para os próximos meses e para o próximo ano, que são Bom Fim, região São Geraldo, entre Farrapos e Benjamin, temos no Sarandi também. Eles deram um fôlego no abastecimento porque, na madrugada, o consumo de água é pequeno e aí é o momento de encher os reservatórios. Tendo mais reservatórios, guardamos mais água durante o dia, que é o momento do consumo

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Aquele da Vila dos Sargentos, do Partenon, ajuda o abastecimento do Morro da Cruz. E a extensão de rede do Morro da Cruz... falta uma região ainda, mas está quase tudo pronto.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Ali, vereador, nós já tínhamos na quota 200 dois reservatórios de 150 mil metros cúbicos. Nós fizemos mais um conjunto de

reservatórios de 212 metros, a quota 212, que é do nível do Guaíba, de 50 mil litros, e mais um grupo de reservatórios de 50 mil litros, na quota 238. Agora, já finalizando a etapa de expansão de rede, estamos fazendo a rede formal, cada casa vai ter o seu hidrômetro, é uma solicitação da comunidade, mas, muito em breve, estaremos finalizando nos próximos dias.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu também tinha esquecido que está em andamento a substituição de rede daquela parte do quadrilátero da revitalização do Centro, entre as ruas Uruguai, Andradas, Dr. Flores, Voluntários da Pátria, aquele quadrilátero da revitalização terá troca de canalização também, estão colocando canalização nova para desativar as antigas.

Essas adutoras da Rua Ouro Preto, da Recalque EBAT Sarandi e Sucção EBAT Sarandi, essas três fazem parte de um conjunto de oito obras do extremo norte-noroeste, que vai levar água lá para o Mário Quintana, Morro Santana, Jardim Leopoldina...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Como? Não, essas adutoras partem da Av. Sertório, mas elas vão fazer um caminho Sertório, Dona Alzira e Ary Tarragô, Protásio Alves. Esse é um caminho de atalho, vamos dizer assim, para levar água para o Mário Quintana e Morro Santana. Vai melhorar o abastecimento lá. É uma região de abastecimento crítico, nos últimos dois verões temos conseguido suprir, mas no limite, então, precisamos dessas obras para dar um fôlego grande.

Outro conjunto grande é Sistema Ponta do Arado, que é um conjunto de oito obras. É o que tem em andamento de abastecimento de água. A previsão de término para a Ponta do Arado é para 2025, temos mais dois anos de obra.

Bem, foi uma apresentação bem rápida, no intuito até dos vereadores e de quem mais tiver interesse, estamos abertos para questionamentos, tirar qualquer tipo de dúvida, a diretora Joyce também, o diretor Marcus, questão de tratamento de água, de ampliação de redes, investimentos, estamos super à disposição.

Fazendo uma breve fala, bem como a Ver.^a Cláudia falou, em relação à concessão, à parcerização, isso é uma decisão de governo, vereador, e é uma decisão que ainda não foi tomada, mas caso ela venha a ser tomada, vai ser uma decisão totalmente diferente de CEEE Equatorial, de venda, de Corsan, é um modelo totalmente diferente, vai ser uma parcerização, o DMAE continuará sendo um órgão público, todos os ativos do DMAE continuarão sendo públicos, mas isso é... Faço essa fala só para acalmar o senhor e dizer que caso ela venha acontecer, vai ser de uma forma muito mais branda do que outros tipos de concessões, privatizações, que nem é o caso de privatização, mas nós vamos ter um momento bem específico, a partir do momento em que o prefeito Sebastião Melo der o *start*, a gente vai partir para essa discussão, que vai ser bem ampla também, a gente quer sanar todas as dúvidas.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADORA CLÁUDIA ARAUJO (PSD): Na verdade, eu queria que tu me passasses um pouquinho sobre a questão das terceirizações, das terceirizadas que trabalham em parceria com o DMAE. A gente tem um grande problema, e tinha, não sei se isso já mudou, se já melhorou, mas é a questão de vocês correrem lá quando a gente precisa. A gente demanda, vocês vão lá, fazem o conserto, normalmente é emergencial, e muitas vezes demora para que o time que é terceirizado, que trabalha em parceria, possa terminar o que foi começado. A gente, vai lá, abre, resolve o problema, mas o buraco fica aberto mais uma semana porque é uma outra equipe que faz esse tipo de trabalho. Eu saber se vocês fizeram um novo contrato, a gente sabe que a Encosan é uma das grandes que trabalha com vocês, e a gente tem muitos problemas, tiveram muitos problemas, não sei se isso melhorou; queria que vocês trouxessem aqui um pouquinho, porque esse é o nosso dia a dia, na verdade, é aquilo que a gente é demandado todos os dias, que nos passam, eu canso de te passar várias coisas, inclusive, “olha, abri o protocolo, mas se puder, porque é urgente”. Então assim a gente tem muitos problemas, e resolvido o problema, mas sempre fica um rabo para traz, como se diz, sempre fica um buraco aberto, fica uma coisa que tem

que ser terminada que acabou não sendo, alguém que vai lá, de uma equipe, e diz “realmente, isso aqui tem que fazer”, mas vai embora para que outra equipe faça. Então, como é que está essa construção? A gente tem como melhorar essa entrega final? Porque o início eu sei que a gente consegue fazer.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Na mesma linha aqui, porque é o nosso dia a dia, como falou a vereadora. Pelo fato de ser o nosso dia a dia, o que chega aos nossos gabinetes, quando houve a fusão do DEP e DMAE, o que foi falado? Que era justamente para não ter esses problemas. Ia fazer o conserto e já ficar pronto. Nós temos visto, e eu cito um local, que eu moro ali perto, no Nonoai, que, inclusive, é bem no corredor de ônibus, da última vez que arrumaram tem se mantido, mas era toda semana, no mesmo local. Por quê? O DMAE vai lá, faz o conserto e aí vem essa empresa e só coloca... Eles não fazem uma boa base, principalmente onde passa o ônibus, então aquilo ali afunda e estoura tudo de novo. Olha, foram mais de cinco vezes consertando no mesmo local, e eu, como passo todo dia ali, às vezes várias vezes por dia, fico observando. Então eu acredito que seja um gasto extremo em relação a esse número de consertos, e eu quero saber se da parte do DMAE existe uma cobrança dessas empresas terceirizadas, porque, com certeza, cobrar eles cobram.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): É claro, a pergunta é pertinente, eu diria, mas nessa mesma direção. A gente tinha a impressão anteriormente que a incorporação do DEP pelo DMAE poderia resolver isso, porque dizer que um órgão abre, conserta e outro fecha, aí ficam os cavaletes lá aguardando. Hoje, com a incorporação do DEP, vocês têm um calendário dessas ações; porque demora mais de 48 horas, demora uma semana, por exemplo? É bom que a gente saiba isso, por que demora isso? Por que é terceirizado; enfim, como é feito isso? Outra questão que queria agregar aqui, é que a gente percebe que há um número significativo de roubos em condomínios e residências do hidrômetro, relógio. Olha, isso é diário; inclusive eu já presenciei um roubo muito rápido, com dois motoqueiros. O que vocês recomendam a esses cidadãos que têm esse

hidrômetro acessível para fazer a leitura da água, mas, ao mesmo tempo, fica na rua, qual é a alternativa que vocês estão encontrando?

SR. MAURÍCIO LOSS: Vou respondendo, e o Darcy vai complementando. Hoje, o DMAE conta com 1.400 funcionários, entre servidores, adidos e CCs. Então, tamanha a demanda da cidade, temos várias empresas que prestam serviços terceirizados em diversas áreas do DMAE, obras e o famoso Repav, que é uma reclamação recorrente. Nós temos, por protocolo, que esse Repav seja feito em até quatro dias: é feito o conserto, a equipe, de água, de esgoto pluvial ou cloacal, vai lá e faz o conserto, é feito o fechamento, aterrado, e a gente faz o monitoramento, primeiro para deixar aquele material secar bem para que a gente possa compactar e finalizar a repavimentação, ou até para monitorar, ver há uma nova refuga ou algo assim. Então, de protocolo, temos uma orientação de quatro dias; a gente sabe que nem 100% é atendido, senão não teria tanta reclamação. Então, às vezes, temos alguma falha interna, inclusive na derivação, há um fechamento do protocolo e não derivar esse protocolo para a Repav; às vezes, tamanha a demanda, a empresa até acaba se perdendo – a gente vem estreitando a relação, vem fazendo uma conversa para que eles tentem melhorar. Então, fatores a gente sabe, até pela quantidade, a gente tem cobrado, mas a gente nota que há uma melhora.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. MAURÍCIO LOSS: Não, não tem, é dividido por áreas. Isso, temos outras empresas, Zona Norte Zona Sul, área mais central, temos vários contratos. Em relação ao DEP, a incorporação do DEP – antes do DEP, o DMAE era departamento de água e esgoto cloacal; o DEP era um departamento de esgotos pluviais. Não tem a ver com fechamento do buraco, a única coisa é o esgoto cloacal, o esgoto sanitário e o esgoto pluvial, composto pela água da chuva, dragagens de arroios, rios e tudo mais. Então, não tem a ver, vereadores, essa questão do fechamento do buraco com o DEP. O DEP era um departamento que cuidava de esgotos pluviais e agora foi incorporado ao DMAE. Da mesma forma,

quando tem que ser aberto um buraco, para ser feito um concerto esgoto pluvial, a gente faz o fechamento, é aterrado, depois é derivado para o Repav, que, em alguns dias, volta lá e finaliza. Essa questão do ponto de ônibus, vereador, que o senhor fala, o ponto de ônibus tem uma chapa grossa de concreto armado, tudo, quando ele é feito na sua forma original; quando a gente tem que abrir e fazer um concerto, tamanha a necessidade de voltar a liberar aquele corredor de ônibus, a gente não consegue executar da mesma forma que era feito antes, a gente não consegue deixar o meu processo de cura, tempo de cura e tudo mais, porque a gente acaba causando um transtorno na cidade; então há uma cobrança também da gente, EPTC, Secretaria de Serviços Urbanos, para que a gente libere o fluxo. Então, acaba a gente não dando tempo adequado para o material curar, fazer o Repav da forma adequada; então, temos também alguns entraves, algumas distorções, que a gente também tem que cumprir.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Vou tentar dar mais contribuições para ver se a gente consegue esclarecer. Primeiro, uma coisa que sempre me perguntam é por que uma equipe faz o conserto e outra faz a repavimentação? Eu sempre procuro dar um exemplo que como a nossa casa: se a gente tem um vazamento no cano que está dentro da parede, o hidráulico conserto cano, mas ele não faz o reboco e a pintura, quem faz é outro. E os canos com que a gente lida são semelhantes os cantos da casa, só que são maiores, mas o sistema é o mesmo. Quem faz conserto de cano não faz pavimentação, é uma especialidade diferente de trabalho. Então, essa questão de ter uma empresa que faz só Repav é para dar mais economia, porque faço isso para todos os serviços da cidade, todo serviço de água, esgoto, incluindo o pluvial, obviamente, os que estão no DMAE, e faço, tanto para conselho pequeno, médio ou grande; faço para pista, calçada ou lugar sem pavimento; a Repav é a mesma. Se cada empresa que faz um conserto tivesse que ter a sua Repav, eu teria mais demora para fazer e menos especialidade no trabalho, porque aí era eu contratar o cara que faz o conserto hidráulico de casa para fazer pintura, ele não faz pintura, quem faz pintura é o pintor. Então o acabamento do pavimento é um acabamento, não é o conserto, por isso que a empresa é separada. Segundo: essa questão de um

vai lá, vistoria, diz que é esgoto, passa para a equipe do pluvial, e a equipe do pluvial demora para botar. Isso a gente briga todos os dias, internamente, aqui, todos os dias; desde que assumimos a gestão do pluvial, em 2019, a gente bate isso aqui internamente, bate cabeça, briga. Aqui as brigas são que nem em time de futebol: o que acontece dentro do vestiário a gente não conta para fora; o que acontece aqui dentro a gente também não conta para fora – a gente briga todos os dias. Não tem motivo para uma equipe ir lá e dizer “ah, é DEP”, eles querem dizer “é pluvial”, eles não querem dizer que não é deles o serviço. Aí, manda vir outra equipe. É a coisa que a gente mais bate para acabar com esse troço, entendeu? O cara vai lá fazer o conserto, ele vai fazer conserto do cano, seja esgoto, seja pluvial. O contrato que a gente começou agora, que começou ontem, de uma prestadora de serviço na zona sul, é para fazer isso, é uma outra contratada para isso. E as pessoas perguntam, os cidadãos perguntam com razão: por que vai uma equipe, identifica o problema e passa para outra? Não tem sentido, a unificação é para racionalizar. Temos mais, temos 220 contratos; entre obra e serviço de engenharia, mais de 100; e outros são de manutenção de equipamento eletromecânico, de equipamento de bomba, de fornecimento de produto químico, de manutenção das mais variadas coisas – tem um mundo aqui dentro do DMAE. Então algumas empresas pegaram essa fama ruim, mas tem diversas outras. Às vezes, ou não estão bem identificadas ou não apareceram. Agora, essa questão de unificar, vai uma equipe, depois vai outra, demora para acontecer, isso é a coisa que a gente mais briga internamente aqui. E o prazo da repavimentação, realmente tem que ter um prazo, porque o conserto do cano é uma coisa, a repavimentação é outra. E o atraso pode ser atraso da empresa em tomar providência, mas pode ser... Por exemplo, ontem à tarde, choveu. O conserto que foi feito de manhã, mas, com aquela chuva, foi perdido. Não que o conserto tenha sido perdido, mas o reaterro do buraco foi perdido; aí, tem que fazer de novo; aí, aquele dia de ontem não conta, nem o de hoje, só vai começar a contar a partir de amanhã, porque o dia de hoje é totalmente perdido, o material está totalmente encharcado, não serve, tem que ser arrancado fora; aí, o morador, com razão, reclama que está um barro na frente da sua calçada, que está uma lama, aí eu tenho que botar saibro seco no local. Então aqueles quatro

dias não é que não contem, mas, na prática, a partir de amanhã é que vão contar os quatro dias, porque o dia de ontem e o dia de hoje estão perdidos. Marco, quer dar uma contribuição?

SR. MARCO ANTÔNIO GIL FACCIN: Só dando uma contribuição nessa questão de repavimentação: até 2019, o DEP não tinha contratos de repavimentação, então eles faziam o serviço, e havia um convênio, o DMAE atendia serviços de repavimentação para o DEP, mas o DEP abria 50 pontos por dia, e o convênio fechava 12 pontos por dia; então, houve uma demanda reprimida muito grande. Quando o DMAE assumiu ali a drenagem, tinha acho que 15 mil protocolos em aberto, conseguiu reduzir significativamente, mas a estrutura dos contratos que o DMAE criou para de mão de obra também não tinha repavimentação dentro desse contrato de serviço. Então, às vezes, no pluvial, tu vais fazer uma reconstrução de uma quadra inteira, e isso impacta muito as equipes de repavimentação, porque, justamente, tu tens uma capacidade de atendimento. Nos contratos novos da área operacional, em alguns casos, parece que eles vão conseguir fazer a repavimentação para os serviços muito grandes, então alivia aquele contrato específico de repavimentação. Acredito que vá dar uma melhorada com essa reestruturação dos contratos agora para esses serviços de grande porte.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): É pertinente o que o senhor falou, porque, quando a gente abre um 156 lá no gabinete, a pessoa liga: “Veio uma equipe e disse que não é com eles”. Então isso é muito comum. Vamos seguir os inscritos. Se alguém quiser se inscrever, procure o Luiz aqui.

SR. JOEL GOLDENFUM: Bom, em primeiro lugar, bom dia. Agradeço aos vereadores o convite e agradeço ao DMAE a possibilidade de eu estar aqui de novo nessa casa, com a qual eu já tenho uma história de colaboração pessoal e institucional, eu já fui conselheiro aqui por mais de dois mandatos, conheço e entendo como funciona, e tenho uma ligação antiga com o DEP. Só para salientar aqui: dentro do novo Marco do Saneamento ficaram marcados de forma

bem clara os quatro eixos do saneamento envolvendo então abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, resíduos sólidos e manejo de águas pluviais. Eu gosto desse nome. O DMAE hoje é responsável por três desses quatro eixos: água e esgoto já era desde o início, e com a incorporação do DEP, o manejo de águas pluviais. Por que eu gosto do termo manejo de águas pluviais? Porque o que o DEP fazia e o DMAE faz hoje não é simplesmente drenagem, é drenagem e também trabalha com sistema de controle contra inundações, que também hoje é responsabilidade do DMAE. É mais uma outra atividade que é bastante onerosa, é bastante complicada, casas de bombeamento, custos altos de energia, etc., etc., a gente sabe como é que funciona. O meu histórico, a minha área de atuação, de pesquisa, é justamente manejo de águas pluviais. Eu sou professor e estou diretor, eu costumo dizer. Daqui a 20 meses termina o meu mandato, então volto... Acho que não volto porque estou quase aposentado. Mas independente disso, essa é outra questão. Então para mim é um prazer sempre voltar a esta casa que eu conheço bastante. O DEP eu conheço desde pequeno porque quando foi criado o DEP havia dois engenheiros, e um deles era meu pai, então eu tenho conhecimento desde a adolescência, vamos dizer assim – criança já é um pouco exagerado, e talvez por isso também eu trabalhe nessa área de manejo e águas pluviais. Mas o que eu quero dizer aqui é que o Instituto de Pesquisas Hidráulicas e a UFRGS já tem há um bom tempo uma relação histórica com o DMAE, de trabalhos, de colaboração, tanto na área técnica como inclusive participando de conselho e de reuniões, etc., e a gente se coloca sempre à disposição, sempre que necessário, para trabalhar em conjunto. A gente conhece a qualidade do corpo técnico do DMAE, a gente conhece a eficiência e a gente tem uma boa ideia dos problemas e das dificuldades que tem em termos desse tipo de trabalho que lida com emergências, com planejamento, com investimentos, então não é exatamente uma função tão simples, mas é muito importante para nós aqui esse funcionamento – nós, eu digo agora como cidadão de Porto Alegre. O dia 22 de março é uma data bastante importante lá no IPH, nós temos, tradicionalmente, um simpósio, vai ser agora o 4º Simpósio Discente em Ciências das Águas, onde os alunos conduzem as atividades. É uma atividade bastante interessante, com

palestras etc., com apoio dos professores, mas coordenado diretamente pelo núcleo discente. Se alguém tiver interesse em participar, se não me engano, a partir das 9 horas... Não, eu estou na abertura às 14 horas, deve ser às 14 horas. De qualquer maneira, de manhã vai ter outras atividades, a parte das palestras é à tarde. É isso, basicamente, o IPH continua à disposição do DMAE e à disposição da Câmara dos Vereadores para qualquer tipo de ação, colaboração. A UFRGS tem um convênio com a Câmara dos Vereadores, é um convênio tipo guarda-chuva, que permite atuações, e sempre que houver necessidade, estamos à disposição para poder colaborar.

SRA. JOICINELI FAGUNDES BECKER: Bom dia. Sou Joici, diretora de tratamento aqui do DMAE. Surgiu uma dúvida sobre a questão do período de estiagem que no início alguém trouxe. Eu vou fazer uma fala, na verdade muito parecida com a que eu já fiz no comitê de bacia do Lago Guaíba, que saiu muito na mídia, a falta de água por questões de estiagem, especialmente a região metropolitana que tem uma outra companhia que opera. Na verdade, o que o DMAE hoje vivencia de sofrimento, digamos assim, se essa é palavra ou de contingência em relação à estiagem. O sistema do Arado, que está sendo construído, assim como o Maurício falou, é uma obra que está sendo, digamos assim, gestada, há quantos anos, Darci? Desde 2014; estamos em 2023 então o ano que vem, uma década. Então vocês veem o tempo que leva para maturar uma solução de grande porte para atuar numa contingência que, na verdade, surge da mudança do comportamento do lago em alguns pontos, em alguns momentos. A gente depende de um insumo básico que é a água que vem do Guaíba; e já que estamos falando do Dia da Água, a gente precisa pensar que tudo, o nosso ponto de partida da vida da cidade é o Guaíba. Todas as captações do DMAE, exceto a catação da ilha, são basicamente do Lago Guaíba.

Então essas soluções de grande porte, para conseguir não enfrentar a seca e a estiagem, porque isso acho que é um termo até meio ultrapassado, mas conviver com os períodos de estiagem e com as secas. Então o DMAE vai precisar num horizonte de médio e longo prazo; até o Marcos que está aqui também que é da área de planejamento... Nós precisamos planejar sim contingências para as

nossas outras captações, porque nesse momento não sofremos, a gente não reduz a produção de água para o Menino Deus, para o Moinhos de Vento e para o São João em função da queda do nível do Guaíba nos pontos de captação. Mas daqui a 5 ou 7 anos a gente vai estar vivenciando esse cenário também para outras captações. Então quando a gente analisa uma questão de concessão de parcerização, do serviço que for, a gente precisa ter um horizonte de que a gente vai ter que olhar para a captação, e todas as obras em captação no lago não são obras pequenas, atuar num posto de entrada do EBAB, lançar uma nova adutora são processos de obras bastante demorados, têm que ser muito bem planejados. Então quando a gente olha todo esse cenário de decisão macro do DMAE, a gente tem que levar em consideração que outras demandas estão surgindo. Então a gente está discutindo muito o dia da distribuição, de produção, mas para garantir o básico que é o volume de água em cada ponto da cidade o DMAE vai ter que sim ser reinventado do ponto de vista de melhorar suas captações, de criar um pouco de resiliência em relação à queda do nível do Guaíba por questões climáticas. No dia 24 de dezembro a gente teve uma falta de água generalizada em Belém Novo, foi uma gritaria, o nível do Guaíba naquele dia chegou a 3 cm, historicamente nos últimos 10, 12 anos nunca tinha acontecido. A média que a gente trabalha em torno de 50 cm, a partir de 30 cm a produção já começa a sofrer em Belém Novo. Mas no dia 24, no Menino Deus, sim, eu tive que dar uma reduzida na produção de água porque começou a dar problema nas bombas lá na captação.

Então, para deixar esse registro, do que a gente está fazendo para enfrentar, a gente precisa sentar e começar a olhar esses projetos de médio e longo prazo, e para isso gente tem que olhar todo o cenário: drenagem, mais esgoto, mais abastecimento, onde a gente vai centrar os esforços. O que vai ser o DMAE daqui para frente, onde é que a gente vai atuar.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Vejam como é importante a colocação dela, é uma preocupação nossa, geral, da falta de água nos próximos anos. Então no ritmo que vai o nosso mundo se desmanchando aí, e essas estiagens grandes, e tudo indica que daqui para frente vão ser maiores ainda, nós teremos

problemas logo ali na frente. Uma pergunta: quantos locais são de captação no Guaíba?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Cinco. Porque o São João e o Moinhos são o mesmo ponto.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Então, poderá dar num ponto desse e outro não.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O ponto ruim hoje é em Belém, e é por isso que estamos construindo um sistema novo. As outras ainda não são ruins.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Mas o DEMAÉ tem que se debruçar em cima disso, como falou a Joice, para ir pensando já a médio e longo prazo para não ter problemas futuros.

O Sr. Acir, do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, está com a palavra.

SR. ACIR LUIS PALOSCHI: Bom dia, tudo bem? Na verdade, são algumas preocupações; eu moro na Lomba do Pinheiro, e a gente é servido lá pelo Belém, pela Pitinga que vem para Lomba do Pinheiro, na parada 16 – a 13 para baixo é outro sistema –, Panorama, Bom Sucesso. E aí, antigamente a gente chamava de recalque na Pitinga, mas como falta muita luz lá para nós, tem que cobrar bastante da CEEE e Equatorial, tem muita queda de luz, e, quando há queda de luz não há abastecimento. Os reservatórios, que são poucos, terminam com a água e, até restabelecer o abastecimento, quem sofre é a população. Então tem algumas perguntas que a gente há algum tempo já vem fazendo que é o seguinte: tem algum sistema para substituir a questão da energia elétrica? Por exemplo, a questão dos caminhões com gerador para, numa eventualidade, quando tiver mais tempo de falta de energia substituir lá na estação da Pitinga para que a gente não tenha falta de água ou mesmo na estação do Belém? A outra questão que nos incomoda muito lá é a perda de água. Qual a média de perda de água que hoje o DMAE tem em relação ao que é tratado, ao que é

levado e ao que é perdido? E a gente tem muito problema com o vento nos canos. Faltou água e os canos encham de vento, quando volta a água, queiram ou não queiram, os relógios mais antigos giram sem a água ainda e depois, bom, vem na conta isso. Tem algum sistema? A gente sabe que tem uma lei que prevê isso, mas como é que está sendo implementado isso? Previsão de reservatórios na Lomba do Pinheiro. O último, se eu não me engano, foi em 2002 que foi feito ou em 2000. É antigo.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O João Remião III, da Chácara das Nascentes é bem mais recente.

SR. ACIR LUIS PALOSCHI: É, mas ali é para outro sistema, eu estou falando lá de cima lá, porque a população a maior população é de 13 para cima e não tem outro sistema. Aliás, isso é uma outra coisa que o DMAE tem que fazer: aprovou loteamento, abastecer aquele loteamento e mais um tanto, porque senão continua o problema.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Isso já é assim.

SR. ACIR LUIS PALOSCHI: Lá na 17 não foi, botaram mil pessoas lá e não tinha previsão, tanto é que faltava água a toda hora. Qual é o plano do DMAE em relação à recuperação dos arroios, riachos e o arroio Ipiranga? Na Lomba do Pinheiro tem um dos riachos que é o Dilúvio que cai ali na Ipiranga que, na minha opinião, é um dos mais sujos e sem vida, a bem dizer. E qual é então o planejamento para isso? O que o DMAE está prevendo para isso? E quais outras formas de reservatório, além daqueles que a gente constrói? Por exemplo, ouvi falar que existem aqueles caminhões com tanques que dá para reservar quando tem previsão, por exemplo: ano que vem vai ter seca de novo. Por que em outubro, quando tem água à vontade, não se reserva água para poder ter possibilidade de não faltar tanta água quanto falta lá para nós? Estou falando da Lomba do Pinheiro, mas tem o Morro da Cruz, tem Bom Jesus, Santana que vocês falaram que, toda hora o pessoal está reclamando e não tem muito o que

responder porque falta água. E a gente sabe que tem várias situações, a questão ambiental, climática e também mesmo a de captação.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Vamos por partes, tem assunto para uma semana de seminário. Número um, sobre energia, geradores. É uma outra pauta bem recorrente. Somando só os equipamentos grandes que o DMAE faz manutenção e opera, são 90 casas de bomba do sistema de abastecimento de água, 90, algumas o motor é de dois mil cavalos, 38 do sistema de esgotamento sanitário e 23 do sistema de águas pluviais, espalhadamente na cidade, mais as estações de tratamento de água, mais as estações de tratamento de esgoto. Por exemplo, sexta-feira, nós tivemos um evento ali na Cascatinha, ao lado do Olímpico, houve um furto do cabeamento de entrada e ficou sem energia. Outra semana foi falta de energia em Belém Novo; na outra semana foi na EBAT São Manoel esquina com a Av. Ipiranga; a outra vez foi na rua Ouro Preto. O que eu quero dizer? São mais de cem estações, não dá para ter gerador em tudo o que é lugar, armazenar combustível. Gerador é uma coisa que não pode ficar parado sem dar partida frequentemente. Então é insustentável, pelo tamanho dos equipamentos e pela quantidade, a gente ter uma quantidade enorme de geradores assim. Ah, mas pode contratar uma prontidão de fornecimento de gerador embarcado, com o senhor falou, mas a mobilização do gerador embarcado, até chegar no local, instalar, botar para ligar, é de a 8 a 10 horas. É o mesmo tempo de fazer o conserto. Então, assim, não é por aí que vai se solucionar as coisas; vai se melhorar com reservatório, como o senhor falou. “Ah, mas por que não em outubro a gente começar a reservar?” Não. A água só pode ser reservada por dois dias, mais do que isso o cloro que está dentro dela vai volatilizar, ele se esvai, e a água não pode mais ser consumida. São dois dias só, o cloro que está na água, depois não pode mais.

SRA. JOICINELI FAGUNDES BECKER: Vou fazer um aparte. Essa situação de sexta-feira foi uma das questões que o grupo da manutenção industrial do DMAE já vem fazendo levantamento há vários anos. Então, além do custo que oscilaria na casa de 40 a 50 milhões por ano, o tempo de imobilização mínima é em torno

de 8 a 10 horas, como o Darcy citou, tem questões ambientais, pela quantidade de combustível e de segurança, porque a gente teria que armazenar, e efetivamente não há condição de uma estação do porte da Moinhos de Vento e o bombeamento que ela requer lá no lago, não é factível de se usar com o sistema de geradores, e não tem empresa em Porto Alegre que poderia nos atender. Teria de vir de fora.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Não é só Porto Alegre, outras cidades também não fazem isso, as companhias de saneamento não fazem isso. Não tem sustentação financeira e operacional para aguentar isso aí.
A outra questão foi a dos arroios...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Acho que o Marcos sabe mais, porque é na área dele lá que passa a aprovação de empreendimentos.

SR. MARCOS ANTÔNIO GIL FACCIN: Possivelmente, o empreendimento que o senhor comentou deve ser do Minha Casa, Minha Vida. Então, para o Minha Casa, Minha Vida, havia algumas dispensas de reservatório, tinha uma situação um pouco mais simplificada para esses empreendimentos, justamente para reduzir o custo. Então possivelmente esse empreendimento deve ter só a reservação interna condominial, não tem reservação pública. No loteamento, às vezes, em função do porte do loteamento, se pede a implantação de reservatório. Nesse caso ele ia até o Chácara das Nascentes, foi um caso assim, tem dois reservatórios que são interligados, então eles abastecem todo mundo; um deles foi implantado pelo loteamento. Nós tivemos o caso, quando foi implantado o Alphaville, eles implantaram um reservatório público também. Então, empreendimentos de grande porte é compatível que o DMAE peça que haja a implantação de reservação pública também, mas esses do Minha Casa, Minha Vida, pela característica, ele tem só a reservação do próprio condomínio.

SR. DARCY NUNES DOS SANTOS: Qual é outra questão que foi perguntada? Dos arroios; dos riachos. Aí vamos por partes; o arroio Dilúvio, que é o maior da cidade. Ele tem participação de Viamão, as nascentes dele, ele tem inúmeras comunidades nas margens ou nas nascentes ou nas cabeceiras dele, e o descarte de resíduo doméstico, lixo e esgoto indevidamente nesses arroios é enorme. Então, assim, tem uma parte que é incumbência do órgão público, da Prefeitura, do DMAE, de atuar na educação, na contenção dos resíduos, na limpeza dos resíduos, na dragagem do arroio, na manutenção, mas tem uma parte que é da população. O descarte recorrente de pneus, que a gente tem noticiado aí, 1.800 pneus; sofás, carcaça de máquina de lavar roupa, bicicletas, não foi o DMAE que jogou lá, e não foi a Prefeitura que jogou lá, foi a população. Então, assim, não dá para gente ficar correndo sempre atrás de uma coisa infinita de jogar lixo dentro do arroio, como se o arroio fosse um lixeiro, ele não é, ele é um córrego da natureza, criado pela natureza. Agora, o que cabe para nós? Nos cabe fazer a manutenção de dragagem e limpeza, implantar rede de esgoto e evitar o descarte, e evitar que o esgoto vá parar dentro do arroio através da rede coletora de esgoto. Isso é o que cabe a nós. Dali para frente não cabe tanto para o órgão público, Prefeitura, ou o gestor que for. Cabe à população. Qual é o outro assunto que foi perguntado?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: No ano passado também nos iniciamos os contratos de dragagem aqui em Porto Alegre, que há muitos anos, em alguns pontos, por exemplo, pegando a foz do arroio Dilúvio, a última dragagem foi feita em 2012. Então está completando 11 anos agora que não é feita a dragagem e que a gente está começando agora, senão nesta ou na próxima semana. Então nós iniciamos esse contrato de dragagem, Zona Norte, Zona Sul, arroio Dilúvio e entornos, que isso também facilita que a gente faça essa manutenção e a conservação dos arroios e bacias. Então, no total, em Porto Alegre, já foram tiradas acho que 5.000 pneus mais ou menos, entre todos os arroios, e geladeira, sofá, cachorro morto, enfim, isso vai contaminando a água. Então a gente tem

feito esse trabalho incessante também de reconstrução de taludes, enfim, e tudo mais.

Em relação ao arroio Dilúvio, a SMAMS, a secretaria do meio ambiente, ela está tocando ali o projeto de operação urbana consorciada, que é a ideia de vender índice construtivo, a ideia ali seria captar R\$ 10 milhões, e que esses R\$ 10 milhões seriam convertidos em obras de saneamento no entorno, parque linear e tudo mais.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Isso. Ali acho que é de conhecimento que houve a separação do território, Porto Alegre e Viamão, e Viamão está aguardando que a gente passe a barragem para eles também. Então até o diretor Marcos está cuidando disso também, está tocando ali.

A gente está fazendo a contratação do estudo de todo o plano de ação e de um laudo estrutural, para a gente ter a certeza de como é que está. A gente não está assim nessa preocupação que vem se alarmando, porque não está nesse caos que vem se falando, mas a gente tem monitorado ali, e a gente está já em vias de contratação, e aí é questão de 2, 3 meses para a gente ter um laudo estrutural de como que está a barragem, assegurando que ela está boa, e aí sim a barragem passaria para a propriedade de Viamão.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Temos um último inscrito aqui e depois nós faremos a visitação para encerramento. O Sr. Marcos está com a palavra.

SR. MARCOS ANTÔNIO GIL FACCIN: Só falar um pouco sobre como funciona a parte de planejamento do DMAE. Nós temos, na diretoria de desenvolvimento, então uma das gerencias que compõem é a gerência de planejamento, a gerente é a engenharia Airana que os vereadores todos conhecem, porque seguido ela tem participado de reuniões e audiência. O DMAE, desde os anos 80, criou o primeiro plano diretor de água que vem sendo periodicamente atualizado e atualmente é o PMSB – Plano Municipal de Saneamento Básico, que contempla

as quatro vertentes. Então a atribuição da gerência de planejamento é a atualização, a revisão, e eles estão sempre acompanhando, principalmente a parte de novos empreendimentos para identificar as necessidades de ampliações. Todo o estudo, por exemplo, que embasou o projeto da Ponta do Arado partiu desse acompanhamento, do acompanhar como estava crescendo a região Sul. Da mesma forma as obras do sistema São João, que são aquelas adutoras que foram falados ali, e nós temos também casas de bomba e reservatório dentro desse conjunto, que foi em função do crescimento que se identificou naquela região da Manoel Elias. Então essa área de planejamento sempre está fazendo esse monitoramento para acompanhar onde estão as demandas da cidade, onde está necessitando ampliar, e, a partir dessa parte do planejamento, a gente começa a elaborar os projetos e a executar as obras. Então o planejamento está sempre tentando pensar justamente na frente. Eles estão também bem integrados com a discussão do Plano Diretor do município, porque o Plano Diretor acaba sendo um indutor de um crescimento para um lado ou para o outro. Então o nosso foco... O planejamento está tentando sempre pensar um pouquinho à frente para poder gerar as obras. Claro, a gente sabe que uma obra não é rápida né, então envolve toda uma etapa de planejamento e projeto até se concretizar como uma obra. Mas a gente tem uma gerência focada realmente em tentar atuar sempre de forma preventiva, identificando esses crescimentos e acompanhando as demandas.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Então, diretor Maurício e toda a equipe, nós queremos agradecer, e colocar a Câmara e a nossa comissão à disposição. Partimos então para a visitação. Desejamos sucesso para vocês. Obrigado a todos. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h18min.)